

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC

CURSO DE HISTÓRIA

JUSSARA MARCIANO DE OLIVEIRA

**O OLHAR SOBRE O NEGRO: A ETNIA NEGRA REPRESENTADA NO LIVRO
“CRICIÚMA 1880–1980 A SEMENTE DEU BONS FRUTOS”**

CRICIÚMA - SC

2014

JUSSARA MARCIANO DE OLIVEIRA

**O OLHAR SOBRE O NEGRO: A ETNIA NEGRA REPRESENTADA NO LIVRO
“CRICIÚMA 1880–1980 A SEMENTE DEU BONS FRUTOS”**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito para obtenção do grau de Bacharel/Licenciado no curso de História da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientador(a): Prof.^a MSc. Michele Gonçalves Cardoso

CRICIÚMA - SC

2014

JUSSARA MARCIANO DE OLIVEIRA

**O OLHAR SOBRE O NEGRO: A ETNIA NEGRA REPRESENTADA NO LIVRO
“CRICIÚMA 1880–1980 A SEMENTE DEU BONS FRUTOS**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Bacharel/Licenciado, no Curso de História da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Criciúma, dezembro de 2014.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Michele Gonçalves Cardoso - Mestre - (UNESC) - Orientadora

Prof. Paulo Sérgio Osório - Mestre - (UNESC)

Prof. Júlio César da Rosa - Mestre

Dedico este trabalho ao meu noivo, que sempre me apoiou, e esteve ao meu lado. Dando-me força sempre. Sem o qual tudo teria sido mais difícil!

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à minha orientadora Michele Gonçalves Cardoso, que não mediu esforços para me orientar. Impulsionando-me a pesquisar, me dando apoio nos momentos de desespero. E pela paciência e dedicação.

Agradeço a meus pais, Marilécio e Sônia, a quem devo tudo que sou hoje. E em especial à minha mãe que desde a infância me incentivou a fazer leituras.

Agradeço ao meu parceiro para todas as horas Saimon, que sem dúvida alguma foi de extrema importância para que eu alcançasse esse objetivo. Obrigado pelos incentivos, e pela ajuda.

Agradeço às minhas amigas Andréia e Tamires pelos bons momentos que passamos nesses quatro anos juntas. E também à Léia, uma amiga do trabalho que sempre fala para mim e para as outras meninas a importância de se estudar.

Agradeço a todos os professores do curso de história que contribuíram muito para minha formação profissional e pessoal. E também a todos os colegas que conheci ao longo do curso e que de alguma maneira contribuíram para minha formação.

Agradeço a Deus por ter me dado forças para não desistir e por todas as pessoas maravilhosas que colocou em minha vida!

“Ninguém nasce odiando outra pessoa por sua cor de pele, sua origem ou sua religião. Para odiar as pessoas é preciso aprender e se é possível aprender a odiar, também se pode ensinar a amar”.

Nelson Mandela

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo analisar como a etnia negra é apresentada na obra de Otília Arns: "Criciúma 1880-1980: a semente deu bons frutos". O livro é resultado de diversas pesquisas realizadas no período das comemorações do Centenário de fundação de Criciúma. A obra tem como objetivo narrar a história da formação da cidade e das etnias que ajudaram a construí-la. Essas etnias são: italiana, polonesa, portuguesa, negra e alemã. O livro apresenta também os processos que a cidade passou economicamente e politicamente. A obra contextualiza alguns momentos considerados significativos para a história da etnia negra, como também, pretende cunhar uma identidade para o grupo através de elementos de distinção entre os grupos étnicos.

Palavras-chave: Cidade; negros; etnicidade; identidade.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Monumento das etnias.....	23
Figura 2 - Memorial Dino Gorini.	23

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 A TRAJETÓRIA DOS NEGROS	12
2.1 CIDADE DO CARVÃO OU DAS ETNIAS?.....	16
3 “A SEMENTE DEU BONS FRUTOS”: A ETNIA NEGRA NO CENTENÁRIO DE CRICIÚMA	26
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
REFERÊNCIAS.....	40

1 INTRODUÇÃO

A historiografia é um campo de estudo do qual os historiadores não podem fugir. A partir dela reflete-se sobre a produção e a escrita da história. De acordo com Guy Bourdê e Hervé Martin (1990) a perspectiva historiográfica é uma ferramenta para o ofício do historiador, e teria sua maior utilidade no papel de demonstrar através do olhar de historiadores passados, que todo historiador sofre pressões ideológicas, políticas e ainda institucionais, que comete erros e tem seus preconceitos.

Com a historiografia temos uma ferramenta para analisar os mecanismos que envolvem as produções de discursos dos historiadores, percebendo assim a relação de tempo e sociedade em que cada historiador está inserido.

De acordo com Wolff (2009 *apud* BURKE, 1992, p.07) “tradicionalmente a história tem sido vista de cima, ou seja, tem se concentrado nos grandes feitos dos grandes homens, estadistas, generais ou ocasionalmente eclesiásticos”.

Muitos dos novos historiadores, entretanto, têm se preocupado com a história vista de baixo, privilegiando a experiência das pessoas tidas como ‘comuns’. A perspectiva de uma história vista de baixo nos possibilitou direcionar o olhar dos historiadores para outros sujeitos históricos que por muitos anos foram invisibilizados, entre eles podemos citar as populações de origem africana, já que no período pós-abolição as elites buscaram reinventar a identidade brasileira sob novas formas, mas sempre buscando um modelo europeizado.

Esse debate sobre a história vista de baixo possibilitou novos olhares sobre a pesquisa histórica, a possibilidade de novas fontes e de novas temáticas. Pois assim podemos mostrar e refletir a história através de diversos pontos de vista. Ainda de acordo com Burke:

Durante as duas últimas décadas, vários historiadores, trabalhando em uma ampla variedade de períodos, países e tipos de história, conscientizaram-se do potencial para explorar novas perspectivas do passado, [...] do ponto de vista do soldado raso, e não do grande comandante. Tradicionalmente, a história tem sido encarada, desde os tempos clássicos, como um relato dos feitos dos grandes (BURKE, 1992, p.40)

Que tem por objetivo analisar o livro “Criciúma 1880-1980: a semente deu bons frutos” da autora Otília Arns. Mais especificamente o capítulo que é dedicado à

etnia negra, para perceber como essa etnia foi apresentada pela autora e pelo discurso difundido no Centenário da cidade. Este livro foi escrito para homenagear as etnias formadoras da cidade de Criciúma e para registrar os festejos ocorridos na cidade por conta da comemoração do centenário.

Entre as fontes utilizadas para a elaboração deste trabalho estão as entrevistas realizadas para a escrita do livro. Para esta pesquisa tivemos acesso a seis entrevistas feitas com pessoas moradoras de Criciúma¹ e de origem negra. Tivemos acesso a essas entrevistas de forma transcrita. Atualmente elas estão disponibilizadas para consulta no Arquivo Histórico Municipal Pedro Milanez.

Para dialogar com a temática proposta foram utilizados dois conceitos: o de identidade e de etnicidade. O conceito de identidade foi fundamentado através da obra do autor Carlos Rodrigues Brandão “Identidade e etnia: construção da pessoa e resistência cultural”. Segundo Brandão (1986), identidades coletivas ou individuais são dadas por determinados grupos; são construções motivadas ou impostas ao grupo. Nesse sentido, o autor contribui para que possamos perceber como as etnias são constituídas no período do centenário da cidade.

A obra de Denys Cuhe (1999) “A noção de cultura nas ciências sociais” também contribuiu para pensarmos esses processos de constituição identitárias, pois Cuhe aponta que a identidade social existe para que um indivíduo consiga se situar, para se localizar socialmente. Ela pode ser vinculada a uma classe sexual, de idade ou social. Nesse sentido, podemos compartilhar várias identidades e negociar os elementos identitários que nos possibilitam fazer parte de um grupo, ou não.

Ao percebermos esses processos identitários vamos nos ater nesse trabalho à constituição das identidades étnicas. Para nos auxiliar nesse conceito usamos os autores Philippe Poutignat e Jocelyne Streiff Fenart na obra “Teoria da etnicidade” (1998). Segundo esses autores a etnicidade se baseia na atribuição categorial, classificando as pessoas pela sua suposta origem. É essa noção de “origem” e como ela é apresentada pelos grupos étnicos no livro de Arns que nos possibilita analisar a narrativa sobre a etnia negra presente na obra.

Este trabalho é composto por dois capítulos: “A trajetória dos negros” e “A semente deu bons frutos: a etnia negra² no centenário de Criciúma”. No primeiro capítulo buscamos falar sobre os negros num contexto nacional. Como escravidão e

¹ Município brasileiro da região sul, localizado no estado de Santa Catarina.

² Utilizaremos o termo etnia negra, pois é esse o termo usado pela autora do livro analisado.

a política de “embranquecimento”. Fazendo um gancho com Santa Catarina e com a história de Criciúma. Apresenta também uma breve exposição sobre a obra de Otília Arns, assim como de outras obras relacionadas à cidade de Criciúma.

No segundo capítulo será analisada a obra “Criciúma 1880-1980: a semente deu bons frutos”. O foco será o capítulo que fala sobre a etnia negra para compreendermos como os negros aparecem na obra do centenário. Para complementar a pesquisa também serão usadas entrevistas utilizadas na escrita do livro assim como outras obras relacionadas à história de Criciúma. O objetivo deste capítulo é perceber como eram representados os elementos étnicos e identitários da etnia negra.

2 A TRAJETÓRIA DOS NEGROS

Este trabalho analisará o livro “Criciúma 1880-1980: a semente deu bons frutos”, em especial o capítulo que fala sobre a etnia negra. Para um melhor engajamento desta pesquisa temos que discutir alguns conceitos. Como o conceito de identidade.

Identidade é um conjunto de características, é algo próprio de um indivíduo ou de um determinado grupo. O conceito de identidade sejam elas coletivas ou individuais (identidades étnicas) são dadas por determinados grupos. Percebe-se isso através da seguinte fala:

[...] a identidade étnica, não são coisas dadas. Não são algo peculiar a um grupo social porque ele é naturalmente assim. Ao contrário, são construções, são realizações coletivas motivadas, impostas por alguma ou algumas razões externas ou internas ao grupo, mas sempre e inequivocamente realizadas como um trabalho simbólico dele, em sua cultura e com a sua cultura (BRANDÃO, 1986, p.110-111).

A identidade se forma e se consolida por meio de processos e esses processos são determinados pelas estruturas sociais. Assim sendo, cada indivíduo encaixa-se há um determinado grupo fazendo com que aconteça a inclusão ou a exclusão.

A identidade social de um indivíduo se caracteriza pelo conjunto de suas vinculações em um sistema social: vinculado a uma classe sexual, a uma classe de idade, a uma classe social, a uma nação, etc. A identidade permite que o indivíduo se localize em um sistema social e seja localizado socialmente. (CUCHE, 1999, p.177)

Este trabalho busca evidenciar esse processo de constituição identitária percebendo sua formação em determinados grupos não como um processo natural, mas sim, construído. O enfoque dessa proposta é perceber esse processo em grupos invisibilizados como os negros, pois conforme consta em alguns estudos a história dos negros e como estes são representados é muitas vezes, falha.

Conforme os autores Freitas e Jesus:

[...] a história dos negros no Brasil, que são registradas paralelamente a história oficial brasileira, não sendo representado de forma verdadeira nas produções literárias, povo sem “história” povo sem “raízes”, já que a

historiografia obedece a ótica do europeu que deu ostentação a imagem de superioridade dos brancos e seus feitos (FREITAS; JESUS, 2011, p.01).

Porém, para compreendermos melhor esses processos identitários da população negra, assim como, a escrita dessas histórias, é fundamental nos remetermos ao processo de escravidão no Brasil.

O regime escravocrata brasileiro se deu em um período longo e que veio a marcar os aspectos da cultura e da sociedade brasileira. A escravidão no Brasil teve início no século XVI, quando colonizadores viajavam até a África e de lá traziam os africanos. Esse comércio era tido como muito rentável, tornando assim o africano uma mercadoria indispensável para a prosperidade da colônia. Supõe-se que entre 1550 e 1585 cerca de 4 (quatro) milhões de africanos foram trazidos para o Brasil. As primeiras regiões a abrigar esses escravos foram o estado de Pernambuco e da Bahia, que possuíam uma produção maior de açúcar. Esses africanos eram trazidos em navios negreiros e devido às péssimas condições em que eram “armazenados” muitos morriam durante a viagem. Ao chegarem aos portos eram expostos aos senhores de escravos, que os analisavam e compravam os melhores e mais sadios para o trabalho braçal.

Mas, deve-se constar que havia a resistência desses africanos quanto a esta escravidão. Uma dessas formas de resistência eram os quilombos. Que normalmente eram situados em lugares de difícil acesso e que abrigavam os escravos fugidos de seus senhores. Lá tinham liberdade para expressar sua cultura e crenças.

Nesses quase 300 (trezentos) anos foram muitas as formas de resistência, assim como a intensificação do debate em torno das leis antiescravistas. Por volta do ano de 1822, tido como o ano da independência brasileira começou uma pressão internacional para que ocorresse o fim do tráfico negreiro. Contudo, isso não foi suficiente para que o tráfico cessasse por completo.

Por fim no século XIX, mais especificamente no ano de 1888 se deu a abolição da escravidão. E o grande problema era o que fazer com esse numeroso contingente de mão-de-obra, agora não mais escrava, mas oficialmente livre. Esse foi também o grande preço que os negros libertos pagaram por terem se libertado dos antigos senhores e não serem assumidos pelo capitalismo emergente e pelo trabalho livre que estava sendo implantado no país. Visto como selvagens e desprovidos de inteligência os negros entraram na era pós-abolicionista

conseguindo apenas ocupações degradantes e mal remuneradas. O que os deixava na pobreza e na miséria.

Engajados nesse pensamento depreciativo sobre os negros surgem vários artigos em jornais, mais especificamente na cidade do Rio de Janeiro, como o do médico Nina Rodrigues que viria a contribuir com a ideia de que os negros são pessoas inferiores.

Nina Rodrigues iria ainda mais longe quando publicou nos jornais um artigo intitulado de “As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil”, em que defendia a existência de dois códigos penais um para brancos e um para negros que correspondia aos diferentes graus de “evolução” de cada grupo.

A posição não se limitava aos jornais, Nina Rodrigues publicava em 1984 *As raças humanas e a responsabilidade penal do Brasil*, em que defendia não só a proeminência do médico na atuação penal, como advogava a existência de dois códigos no país – um para negros, outro para brancos -, correspondentes aos diferentes graus de evolução apresentados por esses dois grupos. (FONSECA, 2001, p, 22)

Enfim por terem sido considerados por longos anos apenas como mercadoria, os negros não eram considerados agentes históricos, pois esse papel era dado aos brancos da elite. E mesmo após a libertação da escravidão, o negro continuou invisibilizado. Reforça-se essa fala através dos escritos de Carvalho (1998 *apud* FONSECA, 2001, p.92):

[...] a questão racial foi sempre escamoteada por mecanismos que disfarçam a discriminação das pessoas consideradas radicalmente diferentes do modelo consagrado pela sociedade. Perceber, portanto, nos processos de harmonização das diferenças, as estratégias de ocultação da violência praticada contra os negros, bem como os modos de sua inserção no modelo de nação privilegiado, faz parte do esforço de se repensarem as representações de negro e de negrura que continuam a circular em nossa sociedade, mais de cem anos depois de abolida por lei, mas não de fato, a escravidão negra no Brasil.

Considerando assim os negros como pessoas inferiores e que conseqüentemente “atrasariam” o progresso do país, surge a política do “embranquecimento” que era considerada um processo irreversível no Brasil pós-abolicionista. A política do embranquecimento foi fundamentada a partir de pensamentos racistas, compartilhadas por muitos intelectuais da época como: políticos, escritores, juristas, ou seja, por muitas pessoas influentes no seu tempo.

Os escritos produzidos por essas pessoas eram publicados em jornais e estavam ao alcance de todos, o que conseqüentemente levou à dissipação de uma ideologia que fazia com que as pessoas acreditassem que o problema étnico-racial do Brasil seria resolvido com a miscigenação. Acreditava-se assim que o sangue branco aniquilaria o sangue africano considerado primitivo, e assim transformar-se-ia ao longo do tempo o Brasil em um país habitado por pessoas brancas e “civilizadas”.

De acordo com Skidmore (1989 *apud* OLIVEIRA, 2008, p.09):

A teoria brasileira do “branqueamento” é aceita pela maior parte da elite brasileira nos anos que vão de 1889 a 1914, era peculiar ao Brasil [...] baseava-se na presunção branca, às vezes, pelo uso dos eufemismos “raça mais adiantada” e “menos adiantada” e pelo fato de ficar em aberto a questão de ser a inferioridade inata. À suposição inicial, juntavam-se mais duas. Primeiro – a população negra diminuía progressivamente em relação à branca por motivos que incluíam a suposta taxa de natalidade mais baixa, a maior incidência de doenças e a desorganização social. Segundo – a miscigenação produzia “naturalmente” uma população mais clara, [...] (SKIDMORE, 1989, p.81).

Lembre-se que todo este processo vinha de um discurso de que o país necessitava de uma nacionalidade, de uma “brasilidade” para que se pudesse consolidar a ideia de nação brasileira por conta da separação política que havia ocorrido entre Brasil e Portugal. Uma das alternativas adotadas para que essa política do branqueamento fosse bem sucedida foi a implantação de leis legais para que ocorresse uma imigração maciça de europeus para todo o país. E em meio a essa formação do Brasil, os negros eram vistos como um “atraso” para o desenvolvimento da nação. Assim as teses de branqueamento foram se fortalecendo tanto no campo ideológico como no político. Como podemos perceber na fala de Boaventura:

Esta ideia de branqueamento, de desenvolvimento e progresso das raças, foi reforçada, mesmo que indiretamente ao longo deste século XX, através de muitos textos científicos, inclusive por alguns deles que se propuseram a mostrar a ‘realidade’ dos negros do Sul. Os mitos da superioridade irão resistir no interior dos métodos de pesquisa adotados, através dos tipos de questões que serão elaboradas nas comparações e nos pressupostos teóricos gerais, através dos quais os autores irão inserir o ‘caso de Santa Catarina’(BOAVENTURA, 1996, p.39).

Essas ideias pautadas no embranquecimento continuaram ressoando pelo país, mesmo muitos anos depois da abolição da escravidão. Esta prática também se refletiu na historiografia de Santa Catarina, que invisibilizou a história dos

negros por muitos anos.

Voltando nosso olhar para Santa Catarina buscamos nesse trabalho analisar uma produção de cunho histórico que visava registrar as contribuições dos grupos étnicos na cidade de Criciúma localizada no sul catarinense. Criciúma é uma das cidades de Santa Catarina que possui uma das maiores populações negras no estado. Nesse sentido, pensando o estado a partir dessa identidade pautada na imigração europeia, como estariam os negros representados nessa produção cricumense?

Para entendermos melhor o contexto de produção da obra é importante ressaltarmos alguns aspectos históricos do município. Criciúma possui 195.614 (cento e noventa e cinco mil, seiscentos e quatorze) habitantes (2012), sendo a principal cidade da Região Metropolitana Carbonífera (que possui cerca de 350 mil habitantes), a mais populosa do Sul Catarinense e a quinta do estado de Santa Catarina. A data de 6 de janeiro de 1880 é considerado como o ano de sua fundação, e também da chegada de seus “fundadores”, vindos da região do Vêneto, na Itália.

A obra que será usada para alcançar este objetivo é intitulada “Criciúma 1880-1980: a semente deu bons frutos”, da autora Otília Arns. Esta obra foi escrita a pedido do então prefeito da cidade Altair Guidi, em comemoração ao centenário da cidade.

2.1 CIDADE DO CARVÃO OU DAS ETNIAS?

Duas identidades públicas e reconhecidas oficialmente estão diretamente ligadas à cidade de Criciúma: “*Capital Nacional do Carvão*” e “*Cidade das Etnias*”. Em cada momento de sua história, a cidade se vinculou a uma determinada identidade. E essas identidades eram criadas através das intervenções da elite que detinha o poder neste período.

Sobre o título de Capital Nacional do Carvão, Volpato discorre:

O título revela um valor capaz de empolgar a muitos que o mencionam. É como se a singularidade que diferencia a cidade distinguisse também aqueles que trabalham e vivem nesse território cujo subsolo guarda a maior jazida nacional de carvão. Esta particularidade, a produção de carvão mineral, aparece como uma vantagem, pois foi a razão da saída de

Criciúma do anonimato, condição dos municípios que viviam da agricultura (VOLPATO, 2001, p.13).

Essa fala nos possibilita perceber como esse título reforçava um discurso de prosperidade, sendo o carvão considerado um elemento determinante para a economia da cidade. Ele também aparece como distintivo em relação às cidades vizinhas – cuja maioria também extraía o mineral – enfatizando a cidade como pólo econômico do sul.

Foi a partir de 1910 que Criciúma se transformou em uma típica “Cidade do Carvão”. E após a segunda guerra mundial foi favorecida a exploração do carvão mineral. Com esse grande estouro do carvão catarinense na indústria nacional, a pequena cidade sentiu o grande impacto econômico e populacional. Então em 1946, Criciúma recebeu o título de “*Capital Nacional do Carvão*”, construindo uma identidade e um imaginário que fazia crer que o progresso da cidade estava atribuído ao carvão. Neste momento várias pessoas migravam para Criciúma para trabalhar nas carboníferas e com o sonho de uma vida melhor. Monumentos eram erguidos na cidade para homenagear os homens que desciam até o subsolo para buscar o “ouro negro”.

O carvão criciumense ganhou seu primeiro impulso após a Primeira Guerra Mundial e se manteve assim até o ano de 1927, quando ocorre o primeiro declínio por conta do carvão importado. Os ápices do carvão ocorreram durante as duas guerras mundiais:

As duas grandes guerras mundiais são consideradas marcos determinantes para o desenvolvimento da indústria carbonífera brasileira. No sul de Santa Catarina significaram um tempo de progresso e investimentos no setor. Durante a I Guerra Mundial, diante do impedimento da importação do carvão europeu para atender às recém-criadas empresas nacionais de iluminação, gás e ferrovias, a exploração do carvão brasileiro foi muito incentivada (PHILOMENA, 2005, p.20).

No entanto a economia da cidade sofria com a instabilidade do setor carbonífero. Sendo assim, essa identidade atribuída à cidade passou a ser contestada por grupos econômicos que estavam em expansão. A oportunidade da mudança foi o centenário. Vê-se então a necessidade de atribuir uma nova identidade à cidade, que seria a de “*Cidade das Etnias*”. A cidade de Criciúma hoje carrega o *status* de “*Cidade das Etnias*”, porém, nem sempre foi assim. Essa cidade

também já foi palco de uma política imigracionista³, registrada através de obras que dão conta de uma cidade formada e construída por imigrantes italianos.

Contudo, outras obras tratam que já havia a população negra aqui pelo menos 10 anos antes da dita “fundação” da cidade, ou seja, por volta do ano de 1870. Alguns autores remetem a presença da população negra em Criciúma apenas no ano de 1905, e logo trazem em suas páginas a imagem de um imigrante heroico e desbravador que teria fundado a cidade de Criciúma: o imigrante italiano. Algumas dessas obras são “Fundamentos Históricos de Criciúma” de Pedro Milanez (1991)⁴, “Criciúma, orgulho de cidade! Fragmentos da história dos seus 120 anos”, de Archimedes Napolini Filho (2000)⁵, “Minha Criciúma de ontem”, de Manif Zacharias⁶ (1997), entre outros.

Podemos inferir que a presença da etnia negra por aqui antes de 1880 seria quase incontestável, principalmente pelo elevado número de escravos e, posteriormente libertos, que habitavam o litoral catarinense em cidades muito próximas como Laguna e Araranguá. Mas, no contexto histórico (em que o livro foi escrito), social e econômico em vigência neste momento da história era a de completa desconsideração não só para com a população negra, mas também com as demais populações, como indígenas, caboclos, etc., e suas presenças invisibilizadas por memorialistas e historiadores “oficiais” da nossa região.

Nesse sentido, podemos considerar a obra de Otília Arns importante para a história da cidade, pois cita etnias que até então não a apareceram em nenhuma obra relacionada à cidade de Criciúma.

Na década de 1970 então, iniciam-se as pesquisas e entrevistas para a elaboração do livro. Pois surgiu a necessidade de se ter a história de Criciúma registrada em um livro, para que o festejo da cidade em comemoração ao centenário ficasse para a posteridade marcada em uma obra e pudesse ter sua história registrada:

³Política públicas para implementar a imigração europeia. Ocupando áreas estratégicas do ponto de vista geopolítico. Assim como doação de terras para estes imigrantes.

⁴ Pedro Milanez nasceu em 24 de julho de 1909, em Criciúma/SC. Assíduo viajante, conheceu mais de uma centenas de países. Na década de 90 veio a se tornar representante do consulado Italiano no Sul de SC.

⁵ Natural de Criciúma. Jornalista, funcionário público, exerceu sua profissão nos poderes executivo e legislativo da cidade.

⁶ Manif Zacharias nasceu em 5 de outubro de 1918, em Curitiba/PR. Formou-se em medicina e ceou em Criciúma por motivos de trabalho. Na cidade casou-se com Dulce Rovaris.

A Capital Nacional do Carvão logo veria a sua identidade ser transformada no ano de seu Centenário. A atividade carbonífera seria um assunto marginal porque o centro das comemorações estava voltado ao momento de fundação da cidade e aos grupos formadores da Criciúma Centenária. As cores das bandeiras italiana, alemã, polonesa, portuguesa e da Guiné-Bissau (representando a etnia negra) tomariam conta da cidade. E o sonho multicolorido de alguns transformaria Criciúma numa cidade multiétnica. (CARDOSO, 2007, p.11)

Alguns grupos argumentavam a necessidade de difundir a história cricumense para as novas gerações, para que estes pudessem se orgulhar dos chamados “pioneiros”. Ao menos essa era a opinião de alguns tradicionais escritores da cidade. Esses memorialistas que costumavam escrever sobre a cidade, quase sempre eram descendentes de imigrantes italianos e pertencentes à elite da cidade. Alguns eram engajados nos jornais cricumenses, outros possuíam comércios e vínculos com a política local. Zampoli em seu artigo sobre o livro “Minibiografia de um pioneiro: Marcos Rovaris” cita o trecho em que dois memorialistas (Pimentel e Belloli) citam a importância de uma história ser registrada:

O povo que não cultua seus antepassados [...] não sobreviverá. A história das civilizações antigas e contemporâneas não desmente esta afirmativa. Ao contrário a reforça. É o caso do município de Criciúma, orgulho de seus filhos legítimos e adotivos, que não poupam adjetivos ao seu indiscutível progresso material. Mas no que toca ao culto aos extraordinários e indomáveis pioneiros-modestos italianos que colonizaram, topando toda sorte de dificuldades, o povoado de Criciúma aqui chegando no dia 6 de janeiro de 1880, a indiferença a começar por parte do poder público, era total. Assim o cricumense não se tornou só um ingrato, um desmemoriado, como ao se registrar, em 6 de janeiro de 1980, o primeiro centenário de povoamento de Criciúma – as homenagens que se realizam a essa efeméride serão postizas, porque divorciadas dos fatos históricos, que comandaram a fundação do município.[...] A juventude cricumense ignora, totalmente, a história de seu torrão e, é profundamente lamentável quando se deseja elementos para divulgar a gente e as coisas de nossa terra que se esbarre em dificuldades de toda sorte, desistindo do têtamen. Isso produz péssima repercussão, colocando Criciúma junto as suas co-irmãs sulinas em situação melancólica (PIMENTEL; BELLOLI, 1979, p.13)

Analisando essa citação de Belloli e Pimentel logo nota-se o imenso desagrado que sentem com relação ao desinteresse do poder público para com os “desbravadores” da cidade. E ainda sentem a necessidade de elevar Criciúma a um nível superior às cidades vizinhas, mesmo aquelas que compartilharam os processos migratórios e a exploração do carvão. Não se pode afirmar que estavam equivocados por almejavam o registro da história da cidade, pois queriam que a mesma fosse contada através dos tempos. Entretanto, devemos lembrar que a

história de Criciúma se fez por mãos de várias nacionalidades e não apenas por mãos italianas como aparece na citação dos mesmos, ou seja, a narrativa histórica defendida pelos autores não é plural, nem polifônica, e acaba por legitimar a exclusão de vários grupos cidadãos.

Para que ficasse registrada a comemoração do centenário de Criciúma foi escrito o livro “Criciúma 1880-1980: a semente deu bons frutos” da autora Otília Arns⁷, que foi lançado no ano de 1985, ou seja, cinco anos após a comemoração do centenário.

Foi planejada uma grande festa para comemorar os 100 anos de fundação de Criciúma. Essa festa teve por finalidade envolver todas as etnias que haviam contribuído (na perspectiva do poder público) de alguma forma com a cidade. Essas etnias foram: italiana, alemã, polonesa, negra e lusa. Várias autoridades estaduais, nacionais e religiosas participaram das festividades.

Entre os pronunciamentos das autoridades políticas estava o do então presidente da república da época João Batista Figueiredo:

[...] o então Presidente da República João Batista Figueiredo, que em seu pronunciamento ao povo cricumense reforçou o discurso da formação do núcleo original ter sido constituído por italianos, alemães e poloneses, e que a fusão dos colonizadores com a população local que deu origem ao caldeamento de raças de que surgiu o tipo brasileiro características da região (SPRICIGO, 2003, p.59)

Esse discurso vem novamente elevando algumas etnias e invisibilizando outras. No entanto essa inclusão das etnias que até então não eram lembradas teve um objetivo político, já que as ditas etnias fundadoras da cidade não eram maioria da população.

Este livro foi inspirado em livros já escritos e que também falavam da história da cidade, porém ao contrário desses livros que evidenciavam somente um grupo étnico, Arns (1985) vai além, citando em sua obra várias etnias. A proposta do livro de Otília Arns seria a de trabalhar com uma diversidade de grupos étnicos e uma das ferramentas para se chegar ao objetivo deste livro foi através de entrevistas e pesquisas.

O livro inicia com mensagens do prefeito municipal, Altair Guidi, do presidente do Brasil naquele contexto, João Batista Figueiredo, do governador Jorge

⁷ Antropóloga e professora da UFPR na década de 80.

Konder Bornhausen, do Papa João Paulo II e de outras personalidades políticas e religiosas da época. Segue então falando da origem de cada grupo étnico, das causas da imigração, dando o contexto em que a Europa se encontrava já que das 05 etnias citadas 04 são procedentes do continente europeu. O restante da obra é dividido em capítulos um para cada etnia.

A primeira etnia citada é a italiana, em que se aborda os seguintes temas: a vinda das famílias; a fundação da colônia de Criciúma; as famílias como pioneiras; a flora e a fauna; os perigos (índios); caça e pesca; a produção agropecuária dos primórdios; a religião; a cultura; fundação das primeiras escolas; habitação; saúde; país de origem; lazer; entrevistas. Todos estes subtítulos que falam sobre a etnia italiana estão divididos em exatas 40 páginas, com várias fotografias e quadros.

A segunda etnia apresentada é a polonesa que narra no decorrer das suas 14 páginas, além de fotografias e entrevistas, os seguintes temas: motivos para a imigração, os pioneiros, adaptação ao novo meio, religião, cultura, saúde, habitação e lazer.

O terceiro capítulo é dedicado a etnia lusa que possui 05 páginas, também contendo fotografias, entrevistas e esses subtítulos: os primórdios, a fixação dos lusos, a cultura e o relacionamento com outras etnias.

Segue-se as páginas e nos deparamos com o capítulo que vai falar sobre a etnia negra, que está dividido em 08 páginas com entrevistas, fotos e citando ainda: as características dos negros, a vinda dos pioneiros, causas da fixação em Criciúma, atitude do negro em relação às outras etnias, a religião, cultura, artes, uso e costumes, habitação, nutrição, saúde, lazer e o problema da permanência do negro em Criciúma.

A última etnia abordada é a alemã que é dividida entre a etnia teuto-russa e a etnia alemã de Forquilha. A etnia teuto-russa recebe 03 páginas com algumas fotografias e segue falando dos motivos para a emigração, da viagem, das famílias pioneiras, da religião, da cultura e do êxodo. A etnia alemã de Forquilha possui 18 páginas escritas a seu respeito que cita a conscientização histórica, origem das famílias, migração para Forquilha, a viagem, a construção da primeira escola, religião e outros temas que já foram citados nas demais etnias.

O capítulo seguinte fala da estrutura étnica e das características socioeconômicas e culturais de Criciúma no decorrer do seu centenário. Citando informações como o número de habitantes em determinadas épocas, gráficos das

localizações das etnias, as línguas estrangeiras que por aqui eram faladas, o índice de alfabetização da população também demonstrada em gráficos, etc.

Segue-se com o capítulo intitulado “Criciúma de ontem e de hoje” que mostra fotografias antigas da cidade de Criciúma, fala de umas das maiores riquezas da cidade: o carvão. Dos comércios, da produção agropecuária, do transporte, das instituições como o bairro da Juventude e do asilo São Vicente de Paula.

O último capítulo cita a administração de Criciúma. Apresenta alguns mapas para situar seus leitores de alguns pontos da cidade e diversas fotografias de políticos em vigência na época. Também apresenta várias fotografias de figuras religiosas.

A obra finaliza com os devidos agradecimentos e com a seguinte mensagem do prefeito Altair Guidi:

O dever está cumprido. E é extraordinariamente gratificante poder concluir esta jornada com a entrega desse memorial, à posteridade. Ele é digno do esforço dos que lutaram no passado, e dos que lutam no presente para ver triunfar a justiça das melhores causas. Que ele seja o símbolo concreto do ano cem que agora termina e não faça apagar a chama que brilha no coração de cada um. (GUIDI *apud* ARNS, 1985, p.236).

Podemos inferir que essa fala do prefeito enfatizando para não deixar a “chama apagar”, relaciona-se com algo material, pois nesse momento do centenário foram erguidos vários monumentos na cidade.

O centenário de Criciúma foi marcado por vários festejos, e também monumentos. Um deles muito conhecido na cidade é o “Monumento às Etnias”, que foi inaugurado no ano de 1981. A versão oficial da interpretação do monumento fala sobre uma mão que sai da terra lembrando o esforço das primeiras famílias, da agricultura. Já uma versão não oficial diz que representa 05 etnias distribuídas de forma decrescente, começando com a etnia italiana, polonesa, alemã, portuguesa e negra. Inferimos que essa versão popular da interpretação do monumento se dá por conta das relações sociais existentes na cidade, que evidencia as disputas de poder entre os grupos.

O monumento foi projetado pelo arquiteto Manoel Coelho então professor da Universidade Federal do Paraná, e representava a ideia básica que inspirou os festejos do Centenário. O monumento é a ilustração de capa do livro “A semente deu bons frutos”, e também aparece ao lado do nome de cada etnia ao início dos

capítulos. No livro o monumento é citado e visto pelas autoridades da época como um “grande feito” de “alto valor arquitetônico”.

Neste lugar, repousa a memória da cidade. Aqui, as raízes que deram fundamento à nossa comunidade estão simbolizadas nas cinco etnias que formam a base da nossa população. São os cinco mastros que se erguem do fundo da terra para o alto, da escuridão para a luz. E assim esta geração marca, com este memorial, o ANO 100 desta cidade que os pioneiros semearam. É uma homenagem ao passado. Mas é também o símbolo maior da nossa esperança no futuro. E a nossa certeza de que vale á pena continuar semeando (ARNS, 1985, p.237)

Figura 1 - Monumento das etnias.



Fonte: Prefeitura Municipal de Criciúma (2014).

Figura 2 - Memorial Dino Gorini.



Fonte: Prefeitura Municipal de Criciúma (2014). Museu localizado no subsolo do monumento das etnias, que atualmente abriga obras que representam as etnias de Criciúma.

Porém, o que fica no pensamento ao analisar esta imagem é o que fez o arquiteto produzir os mastros de proporções diferentes? O que ele desejava expressar com isso?

Podemos interpretar que ele considerou que uma etnia alcançou mais a “luz” e outras ficaram mais na “escuridão”?

Após essa breve explanação é importante considerar alguns fatores sobre o livro comemorativo do Centenário. Um deles é o número de páginas, que é visivelmente diferenciado entre um grupo étnico e outro possibilitando o questionamento: será que este fato se deu por conta dos materiais das entrevistas serem mais abundantes em determinadas etnias? Interessante também é pensar o fato de que todas as mensagens do livro são escritas por pessoas públicas, como políticos e religiosos (somente da religião católica).

Também é visível a diferenciação dos subtítulos. E de como seus entrevistados são chamados, uns são tratados como pioneiros⁸, já outros como primórdios⁹.

Porém, não se pode negar a enorme contribuição que esta obra possibilitou para a cidade de Criciúma, pois até então não havia obras que

⁸ Conceitualmente pioneiro seria o primeiro a abrir caminho através de uma região mal conhecida. Um precursor, desbravador, descobridor. No entanto na cidade de Criciúma, o termo pioneiro carrega o sentido não apenas de desbravar, mas também de trazer civilização, cultura.

⁹ Primórdios neste contexto são vistos apenas como aqueles que chegaram no início no processo de colonização. Não teriam essa carga simbólica do “desbravador”.

registrassem a participação e importância de outras etnias além da italiana, polonesa e alemã para a formação da cidade. No entanto, essa pesquisa terá em seu foco apenas o capítulo dedicado a etnia negra.

3 “A SEMENTE DEU BONS FRUTOS”: A ETNIA NEGRA NO CENTENÁRIO DE CRICIÚMA

As entrevistas analisadas para a elaboração deste trabalho foram realizadas para a escrita do livro “A semente deu bons frutos”. Sobre as entrevistas com a etnia negra o livro traz ao todo 12 (doze) entrevistas, com 06 (seis) homens e 06 (seis) mulheres.

Já para este trabalho se teve acesso há apenas 06 (seis) entrevistas, sendo que havia apenas 04 (quatro) com as identificações das pessoas, sendo 03 (três) homens e 01 (uma) mulher. Todas as entrevistas foram realizadas de outubro a novembro do ano de 1979. Não há registro sobre a idade das pessoas entrevistadas, e em apenas 02 (duas) entrevistas consta o bairro ou comunidade em que as pessoas moravam.

Nessas entrevistas ninguém se identificou como descendentes de pioneiro e ao serem questionados sobre o parentesco todos se identificaram como amigos de pioneiros. Acredita-se que este termo “amigo de pioneiro”, era usado para identificar se a pessoa teria tido contato com algum ao longo da vida. Vários aspectos foram abordados nestas entrevistas como: religiosidade, trabalho, chegada dos pioneiros negros, política, etc. Essas entrevistas estão arquivadas no Arquivo Histórico Municipal Pedro Milanez de Criciúma.

Porém, para iniciarmos essas análises é de extrema importância discutir o conceito de “etnicidade”. O conceito de etnicidade é visto como um sentimento de identificação de pessoas ou de grupos. Que se denominam “iguais” por suas histórias, origens e religião. Ou seja, é visto como um sistema que classifica socialmente seus indivíduos seja a partir das suas características físicas, culturais ou psicológicas.

Etnicidade é uma forma de organização social, baseada na atribuição categorial que classifica as pessoas em função de origem suposta, que se acha validada na interação social pela ativação de signos culturais socialmente diferenciadores (POUTIGNAT; STREIFF – FENART, 1998, p.141).

No entanto segundo Nascimento (2006) as relações sociais de fundo étnico se estabelecem a partir da percepção de sua importância para as relações sociais, pois é a partir dessas relações que indivíduos e grupos se classificam e

classificam os outros. A etnicidade é um envolvimento de critérios físicos e culturais, porém esses critérios são construídos por determinados discursos e práticas, evidenciando os elementos diferenciadores de indivíduos e grupos.

Essas diferenças não são fixadas de uma vez por todas, mas são construídas e reconstruídas através das relações sociais entre os grupos ditos étnicos, perpassadas por clivagens de classes sociais, sexo ou ainda, relações regionais e nacionais. [...] A etnicidade é uma forma de expressão de desigualdades sociais e de classificação entre outras. É preciso não exagerar sua importância e de a considerar como a única dimensão significativa da vida social. Entretanto, as relações de fundo étnico assumem, em determinadas épocas e certos contextos, uma pertinência efetivamente fundamentadas nas relações sociais. Em Criciúma, emergiu no interior mesmo da cidade carbonífera um discurso centrado na atribuição de pertencimentos que se operacionalizou a partir da noção de origem. Essas estratégias discursivas centraram-se na figura do imigrante e valorizam o grupo social constituído pelos seus descendentes (NASCIMENTO, 2006, p.66)

Para alguns pesquisadores a etnicidade é um fenômeno contemporâneo, pois se trata de um produto do desenvolvimento econômico e do desenvolvimento dos Estados Nações.

É nessa perspectiva que vamos analisar o que a autora discorre sobre o capítulo onde trata das características dos negros encontrados em Criciúma. Neste capítulo ela se limita a falar do talento dos negros para com a dança e para a música, dando a entender que os negros possuíam apenas esta característica.

A figura do negro é encontrada em todas as cidades e vilas sul- Catarinenses. Dotado de talento artístico, principalmente para a música, o negro e sua família são encontrados nas promoções de clubes em que muito contribuíram para o aprimoramento não só de atividades artísticas, mas ainda para o relacionamento humano [...] (ARNS, 1985, p.105).

A respeito dos clubes que Arns cita é importante lembrarmos que por décadas os clubes de Criciúma eram divididos entre clubes de negros e clubes de brancos. Porém, esta informação não aparece no livro.

Em seu trabalho de conclusão de curso Júlio César nos deixa uma contribuição de extrema importância, quando diz:

No dia 14 de abril de 1937 fundou-se em Criciúma, o clube Sociedade Recreativa União Operária. Localizado na Vila Operária, bairro que mais tarde passou a ser denominado Operária Velha e atualmente constitui o bairro Santa Bárbara, foi construído com o objetivo de dar à população negra um lugar de divertimento sem que esta fosse discriminada por

manifestações racistas, uma vez que em outros espaços de socialização e lazer existentes na cidade, como o clube União Mineira (que não permitia a entrada de negros), era comum à prática do preconceito e da discriminação exercida sobre essa categoria (ROSA, 2006, p.17)

Esta citação nos mostra que a comunidade negra de Criciúma teve que lutar para garantir seus direitos. O autor ainda discorre sobre a necessidade da população negra da cidade, em construir algo com o que se identificassem. No entanto como pode haver essa necessidade de separação de espaços entre negros e brancos, sendo que Criciúma possui um discurso de “democracia racial”?

No entanto, Arns cita em seu livro que na opinião dos negros entrevistados de modo geral, havia um bom relacionamento e até amizade entre as etnias. Porém, diz que cada etnia conservava-se em seu lugar, o que nos leva a crer que não seria possível uma amizade como a autora nos conta. Pois ao mesmo tempo nos passa que havia limites entre as etnias, cada qual se mantinha no seu “território”.

Sabemos que a discriminação do negro vem se perpetuando ao longo da história. E em Criciúma não foi diferente, por isso a luta do negro para garantir seu espaço na sociedade e os direitos que até então lhes havia sido negados. Esses relatos nos mostram uma cidade carregada de preconceito ficando nítida a segregação que houve. Uma segregação não só racial, mas também social e geográfica. A autora – mesmo centralizando seu discurso na unidade do povo cricumense e evidenciando a união de todas as etnias – faz um mapa localizando cada etnia, ou seja, demarcando fronteiras que muitas vezes significavam mais do que limites geográficos significavam também preconceitos étnicos e sociais (ARNS, 1985).

O texto segue falando da vinda dos primeiros negros para a cidade, que segundo a autora teria sido no ano de 1905. A motivação do grupo teria se dado por conta do grande número de empregos que Criciúma dispunha na época, nas minas de carvão e na construção da estrada de ferro Dona Teresa Cristina. Ainda segundo a autora esses negros que aqui se fixavam eram vindos das regiões de Gravatal, Braço do Norte, Cedro, Laguna, Tubarão, Jaguaruna e Araranguá (ARNS, 1985). Porém, esta data é questionável, pois há relatos de que já havia negros pela região por volta de 10 anos antes da dita “fundação” da cidade. Este dado foi trazido por Silva e citado por Ivan Ribeiro:

Por volta de 1870 aparecem João Soares, Lotério Felício e Crispim Santiago, negros aparentemente alforriados. Meu avô veio da Bahia, no tempo da Guerra do Paraguai, afirma seu Genésio, nascido em Urussanga Velha em 1928. Naquele tempo tomavam posse das terras e Crispim Santiago tomou posse de uma terrinha e uma mulher de nome Maria Bernadete com a[*sic*] qual viveu toda a vida. Crispim Santiago teve um filho chamado João Crispim. Ao ser batizado, o padre afirmou que um vivente não podia ficar sem o sobrenome e acrescentou “dos Santos”. Assim os descendentes do escravo baiano alforriado, combatente da Guerra do Paraguai, que decidiu não voltar para Bahia nasceram e criaram-se na Urussanga Velha com o sobrenome “dos Santos”. (SILVA, 1993, P.01)

No início do século XX Criciúma começou a despontar economicamente, o que fez com que a cidade se tornasse o maior centro polarizador dentre as outras pertencentes à freguesia. E esse crescimento econômico atraiu várias pessoas da localidade da Freguesia do Araranguá e de outras regiões. De acordo com Spricigo (2003), as minas de carvão revelaram a presença de escravos e seus descendentes. Porém, afirma que antes da exploração do carvão já havia negros na cidade de Criciúma:

O desenvolvimento das atividades carboníferas revelará não apenas a migração de negros de outras localidades e da periferia da Freguesia do Araranguá, mas a existências de negros em Criciúma anterior à exploração do carvão que só iniciará a partir de 1916 (SPRICIGO, 2003, p.64).

O questionamento que fica pendente é a respeito da chegada dos negros em Criciúma, que no livro consta que foi à partir de 1905. Contudo, vários escravos e descendentes de escravos viviam na freguesia do Araranguá, que até este momento ainda era ligada a Criciúma, já que a cidade se emancipou somente no ano de 1925.

Para muitos moradores há discordâncias quanto ao fato dos imigrantes italianos terem fundado a cidade. A contrariedade de tal acontecimento repousa em argumentos que afirmam que antes da chegada dos imigrantes já habitam aquelas terras descendentes lusos e seus escravos. Essa é uma possibilidade que deve ser considerada. (SPRICIGO, 2003, p.60)

Enquanto todas as etnias trazem relatos de como chegaram à cidade, em nenhum momento há esse relato sobre a etnia negra, fazendo parecer que surgiram “do nada”. E os poucos relatos que há sobre os negros vindos para Criciúma dão conta de uma história datada a partir do século XX. Sobre isso Spricigo discorre em sua dissertação:

Mesmo sabendo que a origem dos negros esteja vinculada a algumas localidades de ocupação muito antiga, como Urussanga Velha, Morro dos Conventos, Sombrio, todas próximas a Criciúma, ainda assim, existe um vazio quanto às informações sobre esses negros no século XX. Enquanto todos os outros grupos vieram por mar e por terra, os negros, de acordo com o discurso historiográfico, surgem repentinamente sem grandes informações sobre seu passado (SPRICIGO, 2003, p.66)

Contudo, o importante aqui não são as datas em si, mas sim o questionamento de que poderia se encontrar pessoas da etnia negra na região de Criciúma antes dos pioneiros italianos. Qual o motivo de esta informação não aparecer? Será que o título de “pioneiro” não cabia aos negros? Esse título devia caber somente aos europeus? Não se pode esquecer o contexto de escrita do livro em que seria “inadmissível” considerar que negros, índios e caboclos fossem pioneiros de uma região.

Neste contexto, o pioneiro era em primeiro lugar uma pessoa branca preferencialmente de origem europeia, que seria provedor da cultura e da civilidade para a cidade de Criciúma, algo que de acordo com os discursos que encontramos em Criciúma, não poderia ser representado por uma pessoa de outra etnia.

Seguindo para os próximos temas abordados por Arns (1985), a autora vai citar como era a relação dos negros com as demais etnias. Na relação com as outras etnias o livro cita que os negros sofreram preconceitos por parte das etnias já fixadas na cidade, afirmando serem tratados com desconfiança.

No contexto do advento da industrialização em Criciúma, deu-se a formação das vilas operárias, mas as relações entre os moradores destas vilas foram contraditórias. Ao mesmo tempo em que os operários trabalhavam juntos nas minas de carvão e na construção civil, nos momentos de lazer percebia-se a presença da segregação étnica (ROSA, 2006, p.19)

Isso por conta deste estigma de escravo que ainda era um fardo a ser carregado pelos negros, sendo que uma das maiores dificuldades enfrentadas por eles foi para conseguir um emprego.

No entanto, um dos principais motivos para se fixarem em Criciúma era o das inúmeras possibilidades de empregos que havia na região por conta do trabalho nas minas de carvão e da construção da estrada de ferro Dona Teresa Cristina. Ocorre que, mesmo com o grande número de empregos ainda havia a dificuldade de conseguir trabalho por parte dos negros. Isto fica explícito na entrevista, onde o senhor Domingos de Jesus Zóe faz a seguinte afirmação: “as famílias de outras

línguas são gente boa, está certo, mas no começo para a gente conseguir um emprego era muito difícil” (ARNS, 1985, p.106).

Os trabalhos oferecidos aos negros eram os que os outros moradores não queriam realizar, como abrir caminhos nos matos para fazerem estradas, e fazer poços. E como a dificuldade para o sustento da família era muito grande, não se podia escolher.

A fala a seguir é um trecho de uma das entrevistas realizadas para a construção do livro, porém não aparece no livro.

[...] os caminhos que abriram aqui sobre as roças, os matagais, que eles faziam estradinhas para o pessoal passar, pra fazer poço. Era tudo com os negros. Para fazer poço, os italianos vinham conversar com os negros. Mas não eram bem valorizados [...] ¹⁰. (LIMA, 2008, p.151)

Este relato mostra a dificuldade do negro para a sobrevivência no sistema capitalista, pois o mercado de trabalho dificultava a sua entrada. Essa dificuldade se dava porque o grupo ainda era associado aos trabalhos “inferiores”, e como já haviam sido escravos em outro momento, e ainda tendo algumas pessoas acreditando que esta condição devia continuar nos explica a má remuneração.

Quanto à religião a autora traz informações de que a etnia negra de um modo geral era de católicos, e reforça essa fala através dos depoimentos colhidos nas entrevistas:

“Era católica, não existia outra”.
 “Achavam a religião católica apostólica romana a melhor das religiões. Formavam congregações. Cumpriam com as obrigações religiosa”.
 “Os pioneiros e suas famílias eram altamente religiosos, eles tinham muita fé e esperança. Praticavam o culto”. (ARNS, 1985, p, 107)

Dentro de uma página e meia falando sobre religião a autora utiliza apenas uma linha pra falar da umbanda: “Hoje os umbandistas comemoram a festa de lemanjá no mar, no dia 1º de janeiro” (ARNS, 1985). Nessa única linha a autora fala sobre a festa de lemanjá que acontece no dia 01 de Janeiro, como se só este ato pudesse descrever a religião num todo.

Não se sabe de onde a autora tira essa informação sobre a Umbanda, já que elas não aparecem nas entrevistas consultadas. A autora frisa no decorrer

¹⁰ Entrevista feita com uma senhora de 50 anos moradora do bairro Santo Antônio, para o Caderno Pedagógico de Criciúma.

destas páginas que toda a população negra era católica. Fica explícito que a autora invisibiliza outras religiões. Apesar de falar da Umbanda ela não cita nada característico desta religião, pois ir ao mar e comemorar a festa de Iemanjá é algo praticado por muitos católicos.

Então podemos inferir que a autora escreveu somente uma linha sobre Umbanda porque o “ritual” citado por ela como sendo uma tradição desta religião, é algo totalmente aceitável pela religião católica.

Dentre as 06 (seis) entrevistas em uma é citado que havia negros envolvidos em outras religiões, mas não cita qual. No caderno pedagógico de Criciúma há informações de que os negros participavam da religião de matriz africana desde meados do ano de 1925, com a instalação do primeiro terreiro de Umbanda no bairro Santo Antônio. A fundadora deste terreiro foi a mãe de santo “Antoninha”, que relata a dificuldade que passou para que o terreiro pudesse ser instalado. Pois até então a religião que aqui era praticada era o catolicismo.

Quando eu vim Porto Alegre “eles”, já tinham me avisado. Aí eu entrei na justiça, porque o Padre [...] me chamou de ladrona. Aí fomos pra justiça, mas eu não vou processar... Deixa assim. Deixa assim! O [...] era o delegado. Aí eles vieram com pedras... Jogavam pedras. Eles subiam esse morrinho aqui e largavam pedras, lá em cima da casa, né? E foram uns quantos deles lá em casa. Faziam por causa da igreja... Eu ia na igreja e tudo, mas, quando eu ia na igreja, eu ficava cá atrás, porque se eles me vissem... Às vezes, eu nem estava na igreja e eles já estavam falando. Era o Padre [...] e outro¹¹. (LIMA, 2008, p.134)

Sabe-se do preconceito existente com relação às religiões e culturas de origem africanas. Porém, mesmo os negros que eram católicos encontraram em Criciúma resistência por parte dos brancos para frequentar a igreja católica. Pois muitos deles eram católicos e também frequentavam o terreiro de Umbanda.

Falar sobre as religiões de matrizes africanas no Brasil e, principalmente, de Criciúma, é ainda um tabu, além de representar uma grande reflexão sobre os valores que adquirimos enquanto crianças, muitas vezes repletos de racismos e preconceitos, impostos por uma cultura etnocêntrica e eurocêntrica que insiste em reproduzir modelos de cultura, raça, gênero e religião embranquecidos. (LIMA, 2008, p. 132)

Pode-se perceber certa desvalorização de elementos da cultura africana, e com a arte não é diferente. No que diz respeito às artes, a autora cita que os

¹¹ Entrevista cedida ao Caderno Pedagógico de Criciúma.

negros davam muito valor, principalmente para a música, para qual segundo ela, possuíam um talento nato. Já ao falar de cultura, Arns (1985) cita que os negros não davam muito valor à cultura. Porém, o que a autora está entendendo por cultura? Já que ao mesmo tempo em que cita a falta de cultura, a autora fala do entusiasmo dos negros para com a música e a dança. Não seria a música e dança vistos como cultura para Arns?

Inferimos que a autora considerava cultura apenas a erudita, que provém de estudos, pesquisas, análises, e que contribui para o intelecto da sociedade, e que neste contexto está ligado às elites pois essa cultura exige certo investimento financeiro que não seria viável a maioria das pessoas.

Ainda acrescenta que o motivo pelo qual a cultura não era valorizada pelos negros seria o fato de que sua prioridade era o sustento da família. Porém, no contexto em que a autora se situa é provável que esta não seja a prioridade apenas da etnia negra. Já que todas as etnias que aqui chegavam almejavam uma “vida melhor” para si e para sua família.

Sendo assim também não tinham condições financeiras de mandar seus filhos para a escola. No entanto não se pode generalizar, pois muitos negros esforçavam-se para que seus filhos pudessem estudar.

Arns afirma que no período das entrevistas a realidade sobre os estudos era outra:

Os descendentes negros hoje dão muito valor ao estudo. Um sinal evidente é o número de pessoas formadas no ensino médio e superior. As crianças dos descendentes são ensinadas por professores municipais, estaduais e por Irmãs. Destacam-se as professoras negras pela sua eficiência e dedicação, pelo carinho especial, que sentem pelas crianças. São consideradas excelentes professoras para a primeira série do 1º grau, na comunidade de Criciúma (ARNS, 1985, p.109)

No entanto, pode-se perceber que mulheres negras possuíam capacidade e estudo pra que ensinassem turmas que fossem além do 1º grau no trabalho. Nota-se isso no trabalho de Juliana Krauss que fala de mulheres capacitadas para a profissão de professora. Como foi o caso da D. Clotilde Lalau:

Clotilde se formou professora quando ainda residia no município de Tubarão. Quando se casou e mudou-se para Criciúma continuou exercendo a profissão de professora em colégios públicos, e complementava a renda familiar dando aulas particulares. Ela via a educação como um meio de

os(as) negros(as) conquistarem seu espaço na sociedade, sempre procurando incentivar seus alunos e colegas, [...] (KRAUSS, 2007, p.29)

Clotilde foi uma mulher que sempre trabalhou em defesa dos negros da cidade. E uma das suas lutas era fazer com que os negros estudassem, não somente as crianças, ela também incentivava os adultos. Clotilde ia às rádios da cidade e escrevia artigos sempre que alguma manifestação racista acontecia em Criciúma. Clotilde escrevia sobre o pseudônimo de Tulipa Negra.

No entanto as dificuldades enfrentadas eram inúmeras, voltando a um período em que os negros só eram aceitos como mão-de-obra nos trabalhos que os brancos não queriam realizar. Uma pessoa negra almejar ser professora seria um grande insulto à sociedade.

Esta dificuldade também é percebida quando os negros chegados à Criciúma procuram um lugar para se fixar. Pois enquanto outras etnias recebiam os lotes do governo e com grandes facilidades para pagar, os negros ao contrário tinham dificuldade para comprar um pedaço de terra. O livro traz essa situação quando fala que a etnia italiana recebeu esses lotes por parte do poder público:

Os colonos recebiam os títulos dos lotes do governo por meio do Serviço de Imigração, ocasião em que assumiam o compromisso de colonizar a região. Há um consenso entre as informações fornecidas pelos entrevistados de que os lotes eram pagos a longo prazo, cinco anos, foi o período informado por um informante. A modalidade do pagamento referido constava das alternativas: prestação de serviços braçais, pagamento em colheitas ou em dinheiro. A regulamentação para a aquisição dos lotes era feita em Azambuja e constava de uma série de itens, entre os quais: a obrigação de construir uma casa, povoar, desmatar, respeitar os marcos. Aos colonizadores era proporcionado ainda um incentivo para os melhoramentos que introduzissem na propriedade, que consistia na ampliação da propriedade de terras (ARNS, 1985, p.48).

A autora discorre duas páginas falando sobre essas terras no capítulo dedicado a etnia italiana, porém na etnia negra o livro não traz nenhum relato à esse respeito. No entanto em uma das entrevistas analisadas há relatos sobre a dificuldade que os negros enfrentaram para comprar terras. O entrevistado cita que tentam comprar terras, mas por serem negros essa dificuldade era muito grande, pois ninguém queria vender.

A oportunidade de ter uma moradia se dá para muitos por conta dos trabalhos nas minas de carvão. Quando se originaram as vilas operárias, estes loteamentos representaram uma possibilidade de ascensão social para as famílias

afrodescendentes e uma perspectiva de melhorar suas condições de vida. Porém, pode-se perceber que estas vilas operárias eram habitadas por outras etnias também. No entanto segundo relatos de moradores cada etnia habitava uma parte dos loteamentos. Isso se percebe através da seguinte citação:

Atraídas pelo emprego nas minas, [...] muitas famílias afrodescendentes vão formando, junto com famílias italianas, um mosaico de vilarejos no entorno da Rua do Pé Sujo. Os italianos ficaram na parte alta do Morro da Miséria, atual Mina União, pois num primeiro momento se dedicaram ao plantio e à criação de animais, sendo os proprietários da maioria das terras. Porém, a parte baixa da vila foi sendo habitada por famílias vindas para trabalhar na mineração (LIMA, 2008, p.21)

Mesmo nas condições precárias da época em que as famílias negras viviam, pode-se perceber que estas moradias representaram uma grande conquista para essas famílias.

No entanto na obra de Arns (1985) no subtítulo que aborda o tema sobre a habitação dos negros não é citado que moravam em casas cedidas pelos proprietários de minas, ou através de empreendedoras ligadas as minas de carvão. A autora se refere às melhorias habitacionais, devido às melhorias econômicas, porém não cita o fato que levou a essa melhoria econômica.

Mesmo com as melhorias habitacionais, a autora aborda um subtítulo no livro que vai falar sobre os problemas que a etnia negra enfrentou para permanecerem na cidade. Segundo Arns (1985) o principal problema para essa permanência foi a crise que a indústria do carvão enfrentou em 1929. A autora cita que um grande número de mineiros deslocou-se para o Rio Grande do Sul por conta desta crise.

Segundo 25% dos informantes entrevistados, houve uma crise na indústria do carvão que obrigou grande número de mineiros a se deslocarem para o Rio Grande do Sul. “em 1929, as minas pararam e muitos foram a pé pra o Rio Grande do Sul em busca de trabalho. De tempo em tempo, dois vinham trazer dinheiro para as famílias”. Esse fato foi relatado por todos os informantes (ARNS, 1985)

No entanto através dessa citação podemos deduzir que apenas o provedor da família se deslocava a procura de outros empregos. E que o restante da família ficava na cidade, pois as mulheres também já proviam uma parte do sustento do lar trabalhando fora. Elas costuravam, lavavam, faziam doces, trabalhavam em

casas de famílias. Mesmo a época não ser bem visto mulheres que trabalhasse fora de casa, muitas sustentavam suas famílias com seus trabalhos.

Quando eu vim para cá, a gente precisava de um orçamento maior. [...] Aí eu fui às fábricas, comecei a trabalhar nas fábricas. [...] Era um serviço muito sacrificado, porque dependendo do patrão, a gente era muito explorada. [...] Eu trabalhei muito. Eu tinha dupla jornada. Trabalhava fora e em casa¹². (LIMA, 2008, p. 30)

Entretanto nem todos os negros que trabalhavam na cidade eram empregados no setor de mineração, havia outras áreas de emprego. Também havia trabalhos na construção civil e nos meios rurais. Aconteciam de os conjugues trabalharem na mesma casa de determinada família. A esposa cuidando da parte doméstica e dos filhos dos patrões e o esposo na roça.

Porém, percebe-se no livro uma necessidade de considerar a etnia negra como que estando de passagem, não como “filhos da terra”, que aqui permaneciam, criavam vínculos com a comunidade, formavam famílias.

É fato que não podemos negar a contribuição do livro para a história da cidade e para dar visibilidade às etnias que até então viviam no anonimato. Porém, o livro tende a esforçar-se em cunhar características para cada grupo. Um fato que nos leva a inferir isso são as fotografias que aparecem no livro. Nas etnias tidas como pioneiras as fotos de família sempre aparecem em frente às construções, casas, estabelecimentos, igrejas, dando a entender que essa etnia trazia o “progresso”, contribuições para a cidade e possuía raízes na cidade. Já na etnia negra as fotos além de serem escassas possuem sempre um fundo de paisagem, sem moradias, nos dando a impressão de estar sempre de passagem de não firmar raízes. Ou seja, ao mesmo tempo em que o livro dá visibilidade acaba invisibilizando e reforçando estereótipos por vezes discriminatórios.

Percebe-se neste livro uma grande preocupação em abordar a origem e o pioneirismo entre os ditos fundadores da cidade. A autora evidencia que a história de Criciúma e o desenvolvimento da cidade só foi possível através do pioneirismo italiano. Zampoli nos evidencia isto no seu trabalho:

¹² Entrevista de uma Senhora que trabalhava nas fábricas de costura. Cedida ao Caderno das Populações Afro-Brasileiras.

[...] a historiografia que estamos analisando, Criciúma só foi modificada, transformada (inclusive na cidade das etnias) ou ainda “civilizada”, saindo assim do “vazio” devido ao pioneirismo da etnia italiana. (ZAMPOLI, 2001, p.11)

Por fim percebe-se que mesmo tentando dar à Criciúma o status de “Cidade das Etnias”, sempre acontece uma reafirmação da identidade italiana para a cidade de Criciúma.

E para que uma determinada etnia seja exaltada, conseqüentemente é preciso que outras fiquem invisibilizadas. Como é o caso da etnia negra, pois a cidade “conta” uma história que reforça a superioridade racial branca.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Arns sem dúvida ao escrever este livro pôs em evidência as etnias até então excluídas da história da cidade. Mesmo trazendo em sua obra estereótipos negativos para algumas etnias.

Atualmente em Criciúma ainda acontece a “Festa das Etnias” que contribui para evidenciar essa pluralidade étnica presente na cidade. A festa foi criada em 1989, pelo prefeito do período do Centenário Altair Guidi. A idéia era criar uma festa para consolidar uma identidade para Criciúma, o que era muito difícil por conta das diversas etnias que aqui viviam e a solução foi apostar nessa diversidade que aqui existia.

Porém, mesmo assim sempre há um discurso de que os pioneiros foram os imigrantes italianos, valorizando a “história” que é contada sobre a fundação de Criciúma há anos, não deixando espaço para qualquer possibilidade de questionamentos quanto a este fato. E destacando a superioridade racial branca e europeia.

Podemos perceber no livro que, ao mesmo tempo em que busca unir as etnias, e discursar sobre a contribuição que cada uma deu para a cidade, também separa e cunha estereótipos muitas vezes negativados para determinadas etnias. Esta necessidade vem da intenção clara que o livro demonstra de valorizar mais uma etnia do que outra.

Ao mesmo tempo em que mostra a etnia negra, acaba a invisibilizando, pois trata alguns aspectos que deveriam ser mais bem explicitados de maneira banal. Um desses temas é a religião, pois a autora cita apenas uma linha no decorrer de duas páginas para citar uma religião de matriz africana. Ou seja, esta religião foi citada, porém invisibilizada ao mesmo tempo.

O livro reforça a importância de umas etnias e desvaloriza a participação de outras na formação da cidade. Percebemos tal fato quando a autora cita que uma das melhores características dos negros seria o talento para com a dança e a música. Fazendo crer que essa seria a única contribuição que a população negra deu a cidade. Porém não cita que para que pudessem exercer esses “talentos” os negros tiveram que fundar seu próprio clube. Pois não lhes era permitido frequentar os clubes de brancos. Percebemos assim as lutas dos negros para conquistar seus direitos.

Para chegarmos a essas afirmações trabalhamos com temas como: educação, trabalho, religião, moradia e outros.

Atualmente Criciúma ainda mantém o discurso de “Cidade das Etnias”. Nas ruas da cidade podemos perceber as representações da identidade étnica, através de marcos e monumentos.

É de extrema importância propiciar um espaço de discussão sobre a contribuição dos negros para a formação e desenvolvimento da cidade de Criciúma. Assim como o seu esforço e luta para serem inseridos na sociedade cricumense. Esse trabalho foi feito com este intuito.

Acreditamos que este tema de pesquisa pode ser muito explorado, pois as fontes são múltiplas. E o tema possibilita a ampliação dos olhares sob a cidade e a inclusão de novas vozes nas narrativas cidadinas

REFERÊNCIAS

- ARNS, Otilia. **Criciúma 1880 – 1980: a semente deu bons frutos**. Florianópolis: Ioesc, 1985. 259 p.
- BELLOLI, Mário. GUIDI, Ayser. QUADROS, Joice. **História do carvão de Santa Catarina**. Criciúma: Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina, 2002.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Identidade e etnia construção da pessoa e resistência cultural**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1986.
- BURKE, Peter. **A escrita da história: novas perspectivas** São Paulo: UNESP, 1992.
- CARDOSO, Michele Gonçalves. **Alá na cidade das etnias: a consolidação do grupo étnico árabe em Criciúma**. 2007. 50 f. TCC (Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade do Extremo Sul Catarinense. Criciúma.
- CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas Ciências Sociais**. Bauru: EDUSC, 1999.
- FONSECA, Maria Nazareth Soares. **Brasil afro-brasileiro**. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. 347 p.
- FREITAS, Madalena Dias Silva. JESUS, Natal Ferreira de. **População negra brasileira: reflexo e imagem no livro didático**. EDIPE (Encontro Estadual de Didática e Prática de Ensino). 2011. Goiás.
- LEITE, Ilka Boaventura. **Negros no sul do Brasil: invisibilidade e territorialidade**. Florianópolis: Letras contemporâneas, 1996. 284 p.
- LIMA, Iolanda Manoel (org.). **Caderno das populações afro-brasileiras em Criciúma**. Itajaí: Casa Aberta, 2008.
- KRAUSS, Juliana de Souza. **Clotilde Lalau: reflexões sobre a presença feminina no movimento negro em Criciúma (1970-1985)**. 2007. 38 f. TCC (Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade do Extremo Sul Catarinense. Criciúma
- MILANEZ, Pedro. **Fundamentos históricos de Criciúma**. Criciúma: Editora Do autor, 1991.
- NASCIMENTO, Dorval do. **Faces da urbe: processo identitário e transformações urbanas em Criciúma/SC (1945-1980)**. 2006. 242 f. Tese (Doutorado em história) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- NASPOLINI FILHO, Archimedes. **Criciúma, orgulho de cidade: fragmentos da história de seus 120 anos**. Criciúma: Editora do autor, 2000.
- OLIVEIRA, Idalina Maria Amaral. **A ideologia do branqueamento na sociedade brasileira**. 2005. Secretária do Estado do Paraná, Paraná.

PHILOMENA, Gerson Luis de Boer. **Cultura do carvão em Criciúma SC: a história que não se conta.** 2005. Dissertação. Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma.

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. Trad. Elcio Fernandes. **Teorias da Etnicidade.** São Paulo: UNESP, 1998.

ROSA, Júlio César da. **União Operária: resistência e manifestação cultural das populações de origem africana em Criciúma na década de 30.** 2006. 40 f. TCC (Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade do Extremo Sul Catarinense. Criciúma.

SPRICIGO, Antônio Cesar. **Sujeitos esquecidos, sujeitos lembrados: entre fatos e números a escravidão registrada na Freguesia do Araranguá.** 2003. 196 f. Dissertação de Mestrado (Mestre em história cultural). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

VOLPATO, Terezinha Gascho. **Vidas marcadas: trabalhadores do carvão.** Tubarão: Ed. UNISUL, 2001.

ZACHARIAS, Manif. **Minha Criciúma de Ontem.** Criciúma: Edição do autor, 1997.

ZAMPOLI, Fabio Alexandre Belloli. **Entre Memorialistas e identidades: a historiografia da cidade de Criciúma (1971-1989).** Florianópolis, 2001. Monografia (Especialização em História Social no ensino fundamental e médio), Universidade Do Estado de Santa Catarina.